



Especial Mecanização

Novos horizontes para a pequena propriedade

SUMÁRIO

O impacto do Moderfrota	15
Nove anos de modernização	18
Duas fases	19
Modelo para outros programas	20
Retomada da demanda	20
Evolução tecnológica	21
Pesquisa e tecnologia	21
Choque de competitividade	22

O impacto do Moderfrota

O impulso de crescimento do setor coincide com o lançamento do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota), lançado em março de 2000. O País apresentava um dos mais baixos índices de mecanização de sua agricultura, quando comparado a países de iguais dimensões. A frota brasileira de máquinas agrícolas era pequena e em processo de sucateamento: 500 mil tratores e 50 mil colheitadeiras, com taxa de obsolescência em torno de 30%.

Número de hectares por máquina agrícola (1999)

País	Tratores	Colheitadeiras
Brasil	116,3	1.078,6
Estados Unidos	36,5	264,4
Canadá	61,3	292,6

Fonte: USDA

Essas comparações evidenciavam que o País precisava incrementar as vendas de máquinas para se aproximar dos padrões prevalentes noutros países. Nos três primeiros anos, os recursos repassados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) somaram R\$ 3,5 bilhões. Era uma demonstração das potencialidades do mercado brasileiro para o segmento em âmbito mundial. Assim, não é por acaso o destino preferencial dos novos investimentos em plantas montadoras.

A política de concessão de crédito dos bancos ligados às empresas de máquinas teve o benefício do Moderfrota. Com juros abaixo daqueles cobrados por outras operações de crédito, o modelo é atraente tanto para a instituição financeira quanto para o agricultor. Enquanto o banco consegue escala e aumenta os ganhos com financiamento, os agricultores conseguem crédito a taxas mais baixas e com menos burocracia.

De 1999 a 2004, o Brasil fez uma substancial modernização de seu parque de produção de máquinas agrícolas e conquistou a posição de exportador competitivo. Uma série de fatores favoráveis ajudou o vento a soprar a favor neste período, como:

- A ampliação de novos mercados;
- O câmbio favorável;
- O crescimento da produção agrícola na América Latina;
- Os programas de renovação de suas frotas de governos de países compradores.

Esse cenário contribuiu para um forte crescimento da exportação brasileira de tratores e colheitadeiras. Mas, a valorização mundial de *commodities* como a soja também gerou o aumento das plantações e da venda de máquinas no Brasil. O crescimento do mercado interno levou os fabricantes de tratores e colheitadeiras a investir na produção e modernização. O resultado veio com o aumento da competitividade das máquinas brasileiras.

Os embarques brasileiros chegaram pela Agco aos Estados Unidos e à América Latina. O programa de renovação de fro-

ta do governo da Venezuela ajudou a puxar as exportações de colheitadeiras. A Rússia, grande produtor agrícola, e com a frota de veículos sucateada, tem sido um grande mercado. A New Holland desenvolveu negócios na Malásia, Tailândia, em Moçambique e no Quênia.

Marcas como New Holland, Case e Agrale marcam posição nos campos brasileiros. A Agco investiu US\$ 15 milhões na ampliação da fábrica de Canoas, com o objetivo de exportar para mais 41 países. Ela produz as máquinas agrícolas Massey Ferguson, e traçou um amplo programa de reestruturação: desativou sua unidade inglesa de Coventry e elegeu a fábrica de Canoas, no Rio Grande do Sul, para novo pólo de abastecimento do mercado internacional. Com isso, a capacidade de produção da empresa alcançou 20 mil unidades anuais. Boa parte dessa produção é exportada em CKD, termo usado para a venda dos produtos desmontados.

A escolha do Brasil não foi ao acaso. Foi o reflexo do potencial tecnológico galgado pelo País na produção de tratores, colheitadeiras, semeadeiras e demais equipamentos agrícolas.

No mesmo caminho seguiu a CNH, detentora das marcas Case e New Holland, principalmente em relação aos produtos de alta tecnologia, como a colheitadeira Axial-Flow, por exemplo.

A qualidade e a velocidade de lançamentos de produtos no Brasil acompanhavam a dos centros mais competitivos, como o americano e o europeu. “A evolução do potencial tecnológico deve ser creditada em boa parte ao crescimento da agricultura brasileira e ao apoio do governo no financiamento da substituição da frota agrícola”.

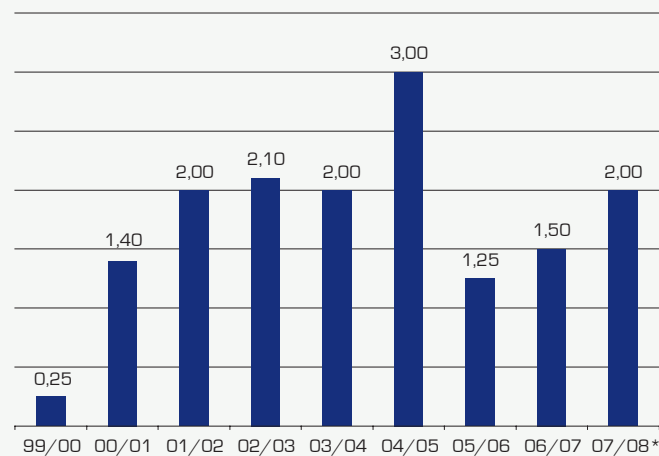
“O Moderfrota é uma ferramenta que dá acesso à mecanização agrícola para os produtores rurais manterem suas frotas atualizadas tecnologicamente. Com isso o Brasil tem atingido os mais altos padrões de produtividade na agricultura mundial”, diz Milton Rego, diretor de Relações Externas da CNH Latin America.

Quebra do ciclo

Em 2005, houve uma abrupta esfriada do mercado, em razão da alta dos preços do aço, principal matéria-prima do setor, e da valorização cambial do real. Com isso, o período de bonança do setor de máquinas e equipamentos agrícolas teve uma interrupção. A prosperidade no campo estancou e as vendas recuaram. Com os preços médios dos grãos em um patamar inferior ao de 2004, os produtores rurais engavetaram seus projetos de comprar aquela colheitadeira com ar-condicionado ou o trator de última geração. Os pátios das indústrias de máquinas e implementos agrícolas ficaram lotados.

Existiram motivos para a quebra de um ciclo de crescimento do setor, que já durava cinco anos. Um deles foi a queda do preço da principal *commodity* agrícola brasileira, a soja, que, depois de bater em US\$ 350 a tonelada em 2004, voltou para os US\$ 200. Para piorar, o dólar despencou, de R\$ 3, no final de 2004, para perto de R\$ 2,40, no primeiro semestre de 2005. Outro problema grave foi o aumento dos custos da produção agrícola,

Moderfrota: desembolsos do BNDES (R\$ bilhões)



* Projeção Fonte: MAPA

principalmente por causa do maior uso de defensivos contra a ferrugem na soja. Além disso, houve a seca.

Período nervoso e de pouca ponderação. O dinamismo do mercado de máquinas foi suportado entre 2003 e 2004 pelo incremento da demanda e da oferta de crédito oficial. Mas, as cotações dos insumos estratégicos utilizados nesse segmento (aço, metais, borracha etc.) tiveram preços majorados muito acima da inflação e da variação cambial. Isso era repassado para o produto e a relação de troca ficou desfavorável para o produtor.

O mercado teve uma rápida reversão. Preços menores, facilidades para pagamento e lançamentos de produtos mais baratos, muitas vezes sem reajustes, marcaram as temporadas de 2005 e 2006. As indústrias precisaram ser mais criativas diante da queda nas vendas. Foram rediscutidos preços e prazos com os fornecedores. Houve um realinhamento de produtos, a desespecificação no jargão do setor. Os opcionais de tratores e colheitadeiras saíram da oferta.

Com a descapitalização dos agricultores de grãos, o Sudeste surgiu como alternativa de crescimento nas vendas, em razão da conjuntura mais positiva nas culturas de cana-de-açúcar e de café, predominantes nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Em 2006, mudanças no perfil da demanda ajudaram as vendas de tratores. As empresas tiveram de se adequar à dura realidade. O setor canavieiro e a agricultura familiar determinaram o ritmo das vendas. Já no final deste ano, apareciam as primeiras expectativas de uma retomada das compras por produtores de grãos, o principal mercado para tratores e colheitadeiras. Era o sinal de reversão do ciclo de baixa do setor. As vendas de máquinas no Brasil caíram a níveis bastantes críticos entre 2005 e 2006, os piores anos da crise.

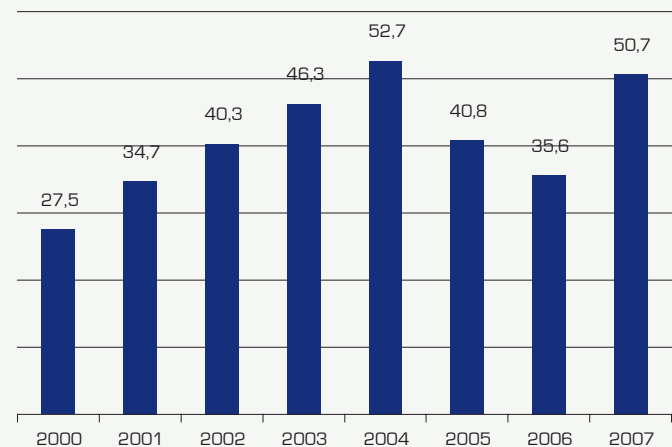
Para a cadeia produtiva da cana, a CNH lançou tratores e elevou as vendas com a marca Case, enquanto a americana John Deere reforçou a linha de produtos com tratores de alta potência (acima de 150 cv). A Valtra (controlada pela Agco), líder tradicional nas vendas de tratores para cana, teve de enfrentar maior concorrência.

A New Holland impulsionou suas vendas para os segmentos citrícola e de celulose. A brasileira Agraler, que nos últimos anos ampliou sua linha com modelos de maior potência até 170 cv, elevou as vendas para atender a hortigranjeiros, produtores de arroz, fumo e milho, com a liberação de recursos do Pronaf para agricultores familiares.

O aumento da produção observado em 2007 está relacionado ao crescimento da demanda interna. Além do bom desempenho da atividade canavieira, a colheita de grãos voltou a dar lucro. Mas, o desempenho das exportações continuou fraco, com as dificuldades do câmbio sobrevalorizado e das condições estruturais do país, como logística, burocracia, custo de frete e tributos em cascata.

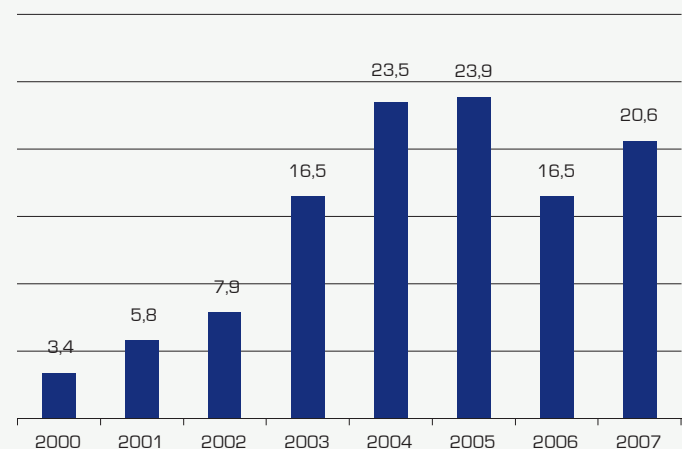
O governo federal reduziu a taxa de juros do Moderfrota, de 9,5% ao ano para 7,25% na safra 2007/08. O volume disponibilizado continuou no mesmo patamar do ciclo anterior, de R\$ 3 bilhões.

Brasil: produção de tratores (mil unidades)



Fonte: Anfavea

Brasil: exportação de tratores (mil unidades)



Fonte: Anfavea

Também houve acerto nas negociações das parcelas vencidas ou vincendas em 2007. Os recursos envolvidos, da ordem de R\$ 3 bilhões, receberam tratamento especial como:

- Pagamento mínimo de 30% da parcela de 2007;
- Prorrogação do restante para um ano após o final do contrato;
- Bônus de 15% para quem pagar parte da dívida;
- Prorrogação dos empréstimos para os produtores com renda principal obtida de algodão, arroz, milho, trigo e soja.

No primeiro semestre de 2008, segundo a Associação Brasileira dos Fabricantes de Veículos Automotores), as vendas de tratores e colheitadeira no mercado interno, em relação ao mesmo período do ano passado, cresceram 52,4%, para 25.394 unidades. Nas vendas externas, a expansão foi de 26,5%, para 14.751 mil máquinas.

Em outubro de 2007, a John Deere começou a operar sua fábrica de tratores em Montenegro (RS). Com investimento de

Brasil: evolução da frota por tipos e marcas

1. Tratores de roda	1982	2006	2011
Agco	200.381	130.117	123.415
Agrale	35.406	15.532	16.352
Case	1.698	1732	2.897
CBT	54.149	5.409	1.504
Deutz	90	34	2
Eengesa	939	85	12
Fendet	4	5	0
John Deere	0	26.150	33.439
New Holland	79.126	76.485	78.507
Santa Matilde	457	53	5
Valtra	142.401	92.397	99.861
Yanmar	3.296	9.259	13.533
Total	517.947	357.258	369.527
2. Colheitadeiras			
Agco	15.012	10941	8.499
Case	0	1.311	1.873
Ideal	8.531	2.005	592
John Deere	20.061	16.684	14.289
New Holland	18.341	17.620	15.441
Total	61.945	48.561	40.694

Fonte: Fraga Marketing

US\$ 80 milhões, a unidade tem capacidade anual de até 15 mil unidades, praticamente o dobro da atual. Naquele mês, iniciou-se a produção piloto de tratores de potência mais alta destinados ao setor canavieiro e a grandes lavouras de grãos.

Na parte de colheitadeiras, a unidade em Horizontina (RS) recebeu investimentos de US\$ 40 milhões para elevar a capacidade instalada. A operação brasileira da John Deere recebeu outros US\$ 130 milhões para capital de giro. Outra modalidade de vendas da John Deere será o consórcio. Com mais de R\$ 300 milhões em contemplações, o Consórcio Nacional John Deere completou dez anos sendo responsável por 5% da comercialização de máquinas agrícolas da empresa. Esse modelo será levado para a Argentina, em parceria com uma empresa local.

A Agco do Brasil, líder em tratores no País com a marca Massey Ferguson, adquiriu em setembro do ano passado a fabricante de implementos agrícolas Sfil, de Ibirubá (RS). A meta é dobrar a participação da empresa no mercado de plantadoras, para 10% em cinco anos. A fábrica de tratores da Agco localiza-se em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, e a unidade de colheitadeiras fica em Santa Rosa, no noroeste gaúcho.

A reação na comercialização de tratores e colheitadeiras no Brasil ganha sustentação, com tendência de aceleração das vendas até 2010. O lado negativo é o impacto do aumento dos preços de insumos empregados no setor, notadamente o aço e o petróleo.

Há também problemas ligados à escassez de alguns materiais utilizados na produção, especialmente pneus e peças, com demanda aquecida na indústria de automóvel, ônibus e caminhão.

O mercado de colheitadeiras e tratores para cana cresceu nos últimos cinco anos e deve atingir um patamar praticamente estável em 2008. Devido aos preços abaixo da expectativa para o álcool, foram adiados alguns planos dos produtores para mecanização das operações. No caso dos grãos, a recuperação registrada em 2007 deve acentuar em 2008, por conta de uma demanda latente pela renovação da frota de máquinas, adiada pelo período de preços baixos dos produtos na maior parte de 2005 e 2006.

Nove anos de modernização

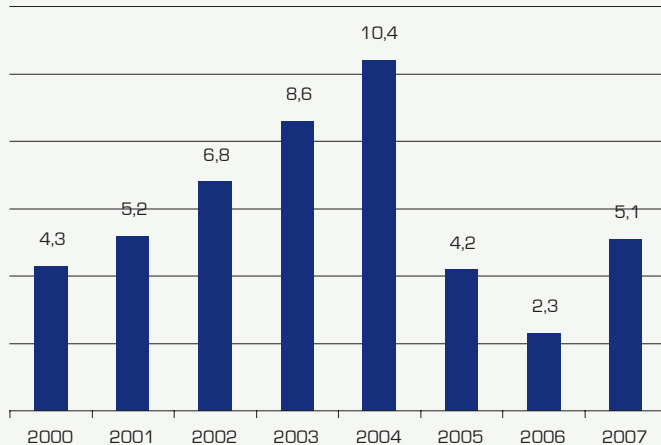
Criado com o objetivo de promover a modernização do parque brasileiro de máquinas agrícolas, o programa tornou o País eficiente e competitivo até no mercado internacional

O Moderfrota (Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras), do governo federal, com recursos repassados pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), foi um divisor de águas no segmento de máquinas agrícolas. Criado em 2000 com a incumbência de renovar o parque de máquinas agrícolas, velhas e obsoletas, foi além, não apenas em quantidade, mas em qualidade e inovação.

O programa promoveu uma revolução sem precedentes no campo e, hoje, o País é referência em tecnologia de ponta no segmento, com capacidade e categoria para atender à demanda dos mercados interno e externo, fornecendo produtos de vanguarda, de modelos, tipos, funções e tamanhos diferenciados, contemplando do micro ao grande produtor.

O Moderfrota entra no seu nono ano de atividade em 2008, e especialistas são unânimes em afirmar que o programa, além de cumprir sua proposta, mudou radicalmente o cenário agrícola do País, sendo o grande responsável pela geração de máquinas novas, produzidas com tecnologia de vanguarda, desenvolvidas desde então. De 2001 a 2007, mais de R\$ 14,7 bilhões foram aplicados na modernização do parque mecanizado brasileiro, segundo o BNDES. Considerando os desembolsos do programa até o primeiro trimestre deste ano, o valor já alcança R\$ 15,2 bilhões, conforme estatísticas do banco.

Nos anos 70, o setor de máquinas, tratores e equipamentos agrícolas chegou a fabricar 82 mil unidades por ano. No entanto, ao longo das décadas seguintes, o ritmo de produção desacelerou. Em 1999, foram produzidas apenas 28,2 mil unidades.

Brasil: produção de colheitadeira (mil unidades)

Fonte: Anfavea

Segundo a Anfavea, em 1990, o Brasil possuía uma frota de tratores de roda estimada em 551 mil unidades para uma área cultivada de 47,6 milhões de hectares.

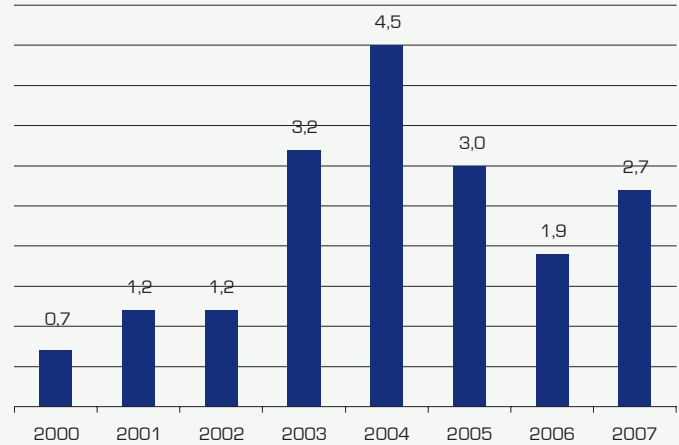
Em 1999, eram somente 460 mil unidades em operação no campo, para uma área plantada de 53 milhões de hectares. Os números refletem a descapitalização do produtor rural e indicam que, em nove anos, a frota de tratores de roda perdeu 91 mil unidades, enquanto a área cultivada aumentou em três milhões de hectares.

Com a Moderfrota, a indústria ganhou novo fôlego, e fechou 2004 com uma produção de 62 mil unidades. A comercialização também refletiu esse incremento. Enquanto, no período de 1995 a 1999, a venda de tratores e colheitadeiras no mercado interno alcançou 91,2 mil unidades, de 2000 a 2005 o mercado absorveu 188,1 mil máquinas, números da Anfavea.

Impulsionadas pelo Moderfrota, de 2000 a 2007 as indústrias brasileiras produziram 329,7 mil tratores, ante 225,5 mil tratores de 1990 a 1999.

Vale lembrar que o resultado não foi melhor por causa da crise de 2005 a 2006. Nesse período, o setor de máquinas agrícolas, a exemplo de vários outros segmentos, conviveu com um cenário econômico desfavorável, com câmbio frouxo, problemas climáticos e fitossanitários (ferrugem da soja), o que levou ao desaquecimento causado pela retração na venda das indústrias instaladas no País.

Na contramão da crise, as empresas continuam buscando novos nichos de mercado e investindo na modernização da produção e na ampliação da capacidade produtiva (a John Deere,

Brasil: exportação de colheitadeiras (mil unidades)

Fonte: Anfavea

por exemplo, inaugurou em maio deste ano uma nova fábrica de tratores, em Montenegro, RS).

Desde o ano passado, porém, o vento está soprando a favor do setor, graças à reação dos preços de algumas *commodities* e ao incremento da cana para biodiesel, sinalizando a recuperação e a retomada dos investimentos, inclusive em máquinas agrícolas, grande parte com financiamentos do Moderfrota.

Duas fases

O engenheiro agrônomo e produtor rural Allysson Paolinelli considera que o Moderfrota teve duas fases. Na primeira, embora houvesse a necessidade de o Brasil se modernizar, o programa esbarrou no tamponamento causado por sete planos econômicos. “Foi o maior desastre que o País já teve, tirou a renda do setor, que ficou quase hibernando. Numa linguagem direta, passamos a ser quase “extrativistas”, observa ele com a categoria de quem já foi ministro da Agricultura. “Como não tinha renda para trocar máquinas, tampouco para comprar insumos, o uso da tecnologia ficou restrito, e o início do programa não conseguiu cumprir o seu desiderato, que era substituir a frota velha e obsoleta”, argumenta.

Brasil: vendas internas de tratores de rodas

Classe de Potência	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Até 49 cv	843	840	849	992	899	1.175	1.042
Até 50 cv a 99 cv	11.248	14.190	15.522	18.785	14.689	14.160	10.999
De 100 cv a 199 cv	6.641	9.126	11.649	13.325	13.636	13.002	5.398
Acima de 200 cv	56	135	70	84	181	299	104

Fonte: Anfavea

A segunda etapa, na visão de Paolinelli, começou quando o governo não conseguiu sustentar o Plano Real, baseado em uma âncora cambial. “Felizmente, no início do novo século, o Plano Real se perdeu e, com o estouro, o agricultor passou a usar esse instrumento, agora fabuloso, o Moderfrota, que explodiu e cumpriu a sua proposta.”, analisa. “O produtor pôde, enfim, respirar apoiado nos recursos de governo, e até de algumas empresas que colocaram dinheiro próprio no novo projeto.”

Opinião semelhante à de Paolinelli é compartilhada por João Sampaio, secretário da Agricultura do Estado de São Paulo. “O Moderfota trouxe um fôlego novo para o agronegócio, que amargou, entre 1994 e 1999, o desconforto do descasamento da composição do custo e da transformação do real, o que gerou um problema no primeiro mandato do governo FHC [Fernando Henrique Cardoso]”, explica.

Modelo para outros programas

“O Brasil não estaria na posição em que se encontra hoje sem o Moderfrota”, afirma o vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Gilberto Zago, lembrando que antes do programa a produção brasileira de grãos estava estacionada na faixa de 80 milhões de toneladas. “Enquanto a área plantada cresceu 30%, a produção de grãos saltou de 80 milhões de toneladas para 140 milhões de toneladas”, compara, e acrescenta que isso se deve ao aumento da produtividade, ao desenvolvimento de novas variedades adequadas às condições brasileiras e à tecnologia embarcada de precisão no plantio.

O secretário de Agricultura de São Paulo considera que Moderfrota foi um dos divisores de águas, sendo um componente principal na modernização e no crescimento do produtor e do produto brasileiro. “Na esteira do Moderfrota, passamos a produzir mais, com qualidade e maior produtividade, melhoramos o plantio, o solo e o transporte”, enumera. “Passamos a ter máquinas mais econômicas, com redução no consumo de combustível, e menos poluidoras, além de utilizar o plantio direto, com resultado efetivo na melhoria do solo e do ambiente.”

Para o diretor de Marketing da Valtra, Leandro Marsili, o Moderfrota foi a grande ferramenta de renovação da frota brasileira de máquinas agrícolas, e continua sendo o principal meio para a aquisição dessas máquinas. “É o grande responsável pela ampliação da frota brasileira, o que possibilitará que o País atenda à expectativa de se tornar um grande fornecedor mundial de alimentos”, diz. “É o que sustenta a indústria.”

Na opinião de Marsili, o programa está bem elaborado, se for levado em conta o mecanismo de produção agrícola. “Entre o plantio e a colheita, leva um tempo considerável para que o produtor comece a ser remunerado pelo investimento que ele fez”, explica.

“O Moderfrota foi tão bem-sucedido que serviu de modelo para outros programas, como o Pronaf, voltado para o produtor da agricultura familiar, que também se profissionalizou, o Moderagro (recursos naturais) e o Moderinfra (irrigação e armazenagem), apenas para citar alguns”, salienta o diretor de Operações Comerciais da Massey Ferguson, Carlito Eckert.

Nessa linha, Sampaio cita a recente iniciativa do governo paulista, o Programa Agricultura Moderna, lançado este ano na Agrishow, pelo governador José Serra, voltado para o financiamento de tratores a juro zero para pequenos e médios produtores. Por meio do programa, o governo vai financiar a compra de 6.000 mil tratores de 50 a 90 cv para o agricultor com renda de até R\$ 400 mil, e vai pagar o juro. “Trata-se de uma forma de incentivar as pessoas a comprar mais tratores e máquinas”, afirma. “Não é tão ambicioso como o Moderfrota, mas é um programa mais moderno e melhor em termos financeiros”, compara. O novo programa substitui o Faep, que é anterior ao Moderfota, mas que só atendia aos pequenos e miniprodutores.

“O leque de mecanização está mais acessível aos produtores, graças ao Moderfrota e outros programas estaduais e federais que tornam viáveis financiamentos até para os produtores da agricultura familiar”, afirma Zago.

Retomada da demanda

Segundo o vice-presidente da Anfavea, ainda há ainda espaço para mecanização nas lavouras brasileiras, com maior demanda por máquinas nas Regiões Sul e Sudeste. Zago acrescenta que, pelos cálculos da Anfavea, ainda levará de um a anos anos para que o produtor do Centro-Oeste volte a realizar investimentos significativos em sua frota.

Zago lembra que, em 2004, a soja impulsionou os negócios e o Centro-Oeste sustentou-os. Já em 2008, ele diz que o cenário é de bons preços das *commodities*, principalmente trigo e arroz, além de laranja, frutas, hortigranjeiros, café e produtos florestais, que estão em melhores patamares que em 2004. Considerando que a demanda da cana voltada para a energia continua estabilizada, e o algodão está em patamares aceitáveis, observa que o conjunto de fatores sinaliza uma melhor renda agrícola em 2008.

“Os sinais para a indústria e a agricultura são positivos”, acrescenta, lembrando, porém, que o produtor tem contratos de longo prazo e nem sempre o preço, que reflete o momento da transação, corresponde ao que ele vai produzir. As atenções, no momento, estão voltadas para as condições do plano-safra. “É o momento em que o produtor vai balizar o seu plantio e as compras, seja de insumos ou de máquinas”, avalia Zago.

Evolução tecnológica

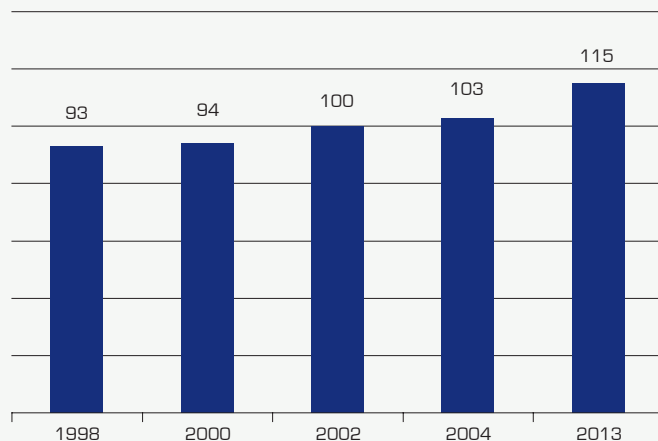
Embora, antes do advento do Moderfrota, existissem produtos disponíveis no mercado, eles eram inacessíveis ao agricultor, segundo Eckert. “Por essa razão, antes do programa, a idade média das máquinas ultrapassava 20 anos”, justifica. “Imagina o quanto essas máquinas evoluíram em uma década!” Segundo o executivo da Massey Ferguson, as máquinas modernas possibilitaram a ampliação da produtividade de grãos via produção, sem aumentar custos.

“Estima-se que, no período de 2001 a 2008, mais de um terço da frota de máquinas agrícolas foi renovado, mas ainda temos uma idade média alta”, ressalta Eckert. Ele acrescenta que, nesse período, muitas máquinas foram descartadas e outras tantas direcionadas a operações no campo com menor nível de exigência.

Em oito anos, grandes indústrias de tratores, colheitadeiras, equipamentos e implementos agrícolas ampliaram seus negócios no Brasil, inauguraram novas plantas industriais e desenvolveram um leque de produtos com tecnologia mais moderna do mundo. Segundo o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, novas técnicas utilizadas no campo obrigaram essa modernização. Nesse sentido, ele destaca o plantio direto, que elimina as operações de aração e gradagem, com ganhos ambientais na conservação do solo, com redução dos gastos com óleo diesel, e queda do custo de produção.

“Hoje, o Brasil ensina ao mundo a técnica de plantio direto na agricultura tropical”, atesta Zago, da Anfavea. Em sua opinião, o Moderfrota também impulsionou as pesquisas que desenvolveram tecnologias voltadas para a mecanização das culturas. “O trigo, o arroz e a soja são bons exemplos, isso sem mencionar os setores florestais, fruticultura, cafeicultura, citricultura, entre outros”, cita.

Brasil: potência média dos tratores de roda (HP)



Fonte: Abimaq

Hoje, calcula-se que 70% a 80% das lavouras brasileiras são cultivadas pelo sistema de plantio direto, segundo Eckert. “Não se mexe na terra, controla-se a erosão, reduzem-se as perdas e aumenta-se a produtividade mantendo a matéria orgânica no solo”, enumera as vantagens do sistema.

Rodrigues também lembra que, na esteira do Moderfrota, surgiu a agricultura de precisão, com novas ferramentas que permitiram o uso racional dos recursos naturais e dos insumos agrícolas, evitando perdas, aumentando a produtividade e dando sustentabilidade à atividade produtiva.

Pesquisa e tecnologia

“A frota brasileira de máquinas agrícolas cresceu, não apenas em volume, mas em capacidade e potência”, afirma Zago. Para se ter uma idéia da revolução ocorrida no setor, Rodrigues afirma que a indústria oferece hoje várias opções de potência, de pequenos tratores com 25 cv até máquinas com mais de 300 cv. A vantagem, segundo ele, é a gama de utilização de implementos que essas máquinas oferecem, de pequenos a grandes, com menor ou maior velocidade.

Cabinas fechadas climatizadas, com ar-condicionado, volantes ergonômicos, mais leves, e instrumentos de precisão, como o GPS, entre outros, dão conforto ao operador, além de conferir maior autonomia nas operações que hoje podem ser realizadas durante a noite, aproveitando todo o potencial da máquina. Ainda nessa linha, Zago cita técnicas de mapeamento das lavouras por meio de satélite, instalação de monitores nas colheitadeiras, para indicar as áreas de baixa produtividade, importante orientação para a realização da análise do solo, entre outras tecnologias.

“Foi o casamento perfeito entre pesquisa e tecnologia”, enfatiza Eckert, que destaca a evolução no conceito de máquinas. “As colheitadeiras, por exemplo, tornaram-se maiores e mais modernas, e as indústrias passaram a atender à necessidade do produtor, com máquinas capazes de colher na janela de plantio, que, no Centro-Oeste, corresponde a 40 dias”, detalha. Além de crescer o tamanho das colheitadeiras e plantadeiras e aumentar a potência média dos tratores, surgiram pulverizadores auto-propelidos de grande capacidade e máquinas específicas para determinadas lavouras.

Do lado do produtor, ele cita como principal resultado o acesso à tecnologia moderna que refletiu no aumento da produtividade, na redução de perdas e na melhoria da renda. “Isso possibilitou inserir a agricultura brasileira entre as mais avançadas do mundo e até mesmo a ficar na frente de países antes tidos como vanguarda”, avalia Eckert.

Choque de competitividade

“O Moderfrota proporcionou ao produtor o acesso a um portfólio completo de máquinas, o que levou ao crescimento da produtividade agrícola. Como tinha mercado certo, as indústrias aceleraram as ofertas. A demanda cresceu pela renovação da frota e pelo aumento da escala, e o País passou a ser competitivo para exportar”, explana Eckert.

Graças ao fôlego dado pelo Moderfrota, as fábricas brasileiras tornaram-se mais competitivas no mercado internacional e, a partir de 2002, o País saiu da condição de importador de máquinas agrícolas para a de exportador. O resultado, de acordo com o ministro Rodrigues, foi um superávit de US\$ 879,5 milhões em 2006 (em 2001, o saldo comercial negativo do setor era de US\$ 98,1 milhões) com o aumento de volume exportado.

Hoje, as máquinas brasileiras são enviadas para cerca de 150 países, uma lista que inclui Argentina, México, Venezuela, Paraguai, África do Sul e Estados Unidos. Esse cenário se deve ao Moderfrota e à Agrishow, na opinião do ex-ministro da Agricultura. “A Agrishow inaugurou uma nova fase para a indústria de máquinas agrícolas ao mostrá-las ao comprador em operação, em várias etapas do cultivo, competindo umas com as outras”, diz.

O diretor de Marketing da Valtra confirma a importância do programa como incentivo ao investimento e ressalta o papel do Moderfrota na aceleração das pesquisas sobre novas tecnologias. “Como resultado, hoje, a oferta de máquinas agrícolas

brasileiras tem o mesmo nível de países de Primeiro Mundo, grandes produtores agrícolas”, salienta.

“Técnicamente, o Brasil tornou-se competitivo no âmbito mundial, comparado a qualquer país. O único problema é o câmbio que emperra as exportações”, reclama Eckert.

Para Mário Fioretti, da Anfavea, o Moderfrota refletiu o anseio do setor, que defendia um programa que propiciasse um volume regular de vendas. “Proporcionou a atualização das máquinas e levou o País a se transformar em um pólo produtor e exportador”, salienta, lembrando que diante do novo ânimo duas grandes empresas – Case e Massey Ferguson – desativaram fábricas no exterior e trouxeram suas plantas industriais para o Brasil. “No caso da Massey, a fábrica de colheitadeiras localizada em Santa Rosa, RS, tornou-se um centro de desenvolvimento dessas máquinas para o mundo, consequência do Moderfrota”, observa.

A condição de exportador de máquinas agrícolas que o País incorporou nos últimos anos foi via Moderfrota e pesquisa, na opinião de Zago, da Anfavea. Segundo ele, depois do programa, a partir do ano 2000, as feiras se consolidaram como uma oportunidade de reforçar a presença institucional e de lançamentos. “Tanto que as fábricas sempre planejam apresentar novidades em vários eventos, seja para a área de grãos, cana, café, fruticultura, hortaliças e agricultura familiar, dependendo da identidade mais forte com cada um desses segmentos”, explica. “E a Agrishow é a grande vitrine.”

Fantasma do endividamento

Nos últimos dois anos, sempre que o assunto é Moderfrota, vem à tona a dívida do produtor rural. No entanto, muitos garantem que o endividamento é um fato histórico e tem raízes nos anos 90. “Hoje, a menor dívida do produtor talvez seja a relacionada ao Moderfrota. As maiores são relativas a custeio e insumos, pela ordem”, afirma o secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, João Sampaio.

“A parcela referente ao Moderfrota é a menor”, concorda com Sampaio o ex-ministro da Agricultura Alysson Paolinelli. Para ele, o endividamento do setor é resultado de uma equação errônea em cima do setor produtivo, e não da incompetência do produtor. “É fruto de uma política errada, que colocou juros altos, muito maiores do que o agricultor podia pagar, e falou, ‘se vira!’”, enfatiza.

O diretor de Operações Comerciais da Massey Ferguson, Carlito Eckert, também atribui o endividamento a fatores climáticos, aumento dos custos em função das pragas e câmbio, que consumiram a renda do produtor. “Houve um descompasso entre o câmbio do plantio e o da colheita nos anos 2005 e 2006, mas a renda está melhorando”, prevê. Ele aponta situações localizadas, principalmente nas novas fronteiras, por cau-

sa do alto custo de abertura dessas áreas. Lembra que não existe um número fechado sobre a dívida e garante que a parcela referente ao financiamento para mecanização é pequena.

Sampaio lembra que o Moderfrota foi lançado junto com a renegociação das dívidas. “O refinanciamento restabeleceu o crédito e o novo programa veio com a possibilidade de financiar o produto”, explica. Atualmente, ela aponta duas situações distintas em relação às dívidas dos produtores relacionadas ao financiamento de máquinas agrícolas. “A primeira reflete a queda de renda do produtor durante dois anos (2005 e 2006), causada pela ferrugem asiática, câmbio, aumento dos custos de logística e de insumos”, analisa. A outra situação, diz, se refere ao arranjo sobre a prorrogação dessas dívidas, a primeira parcela para o final do contrato e a outra, diluída nas demais prestações. “Era uma questão de sobrevivência, principalmente no Centro-Oeste”, sentencia o secretário da Agricultura de São Paulo.

A despeito do endividamento dos produtores de grãos no Centro-Oeste, o vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Gilberto Zago, considera que setores importantes como cana, além da soja para biodiesel, mantiveram investimentos em máquinas, garantindo resultado positivo para a região este ano, o que ajudará a minimizar o problema de endividamento.